

**Chamada Comissão Permanente de Saúde Mental (CPSM), Centro de Comunicação (CEDECOM) e Diretoria de Ação Cultural (DAC) / UFMG no 1/2021**

**Saúde Mental e arte: perspectivas**

**Eixo: A arte: um respiro para a saúde mental**

**Conto**

**Mar de dentro**

Ela saiu de casa sem abrir a porta. Já não era tão menina. Começava a sentir saudade das brincadeiras de criança. Carregava também o medo de se tornar tão séria e triste como os pais. Logo agora que a vida florescia, o mundo reduzido a uma casa sem flores e com pesadelos de noites sufocantes. Portões fechados da universidade, tarefas abertas em portais virtuais. Gostava de estudar, mas estar na universidade permitia também outros contatos, que agora só consegue quando tem acesso ao celular da mãe porque o seu quebrou e não tem como pagar o conserto. Nessas bandas, as bandas não são largas. As conversas ficam arrastadas e uma videoaula chega em contagotas de minutos. Insuportáveis dias remotos.

Escapou do isolamento escolhendo lombadas. Uma estante no canto da sala. Sempre achou estranho ter tantos livros em casa. A mãe sempre gostou de ler. Dizia que era o seu tesouro, feito de doações, reciclagens, presentes e alguns pequenos furtos. Até começar a pandemia, a estante só servia para ela receber a reclamação de que não tirava o pó direito. Antes era só um estorvo. Agora carregava uma poeira de palavras. Talvez estivesse se contaminando com a doença da mãe.

Pó mágico de viagem. Rotas fora do mundo na sala de casa. Leu ruas em tempos de ampla circulação. A saudade das brincadeiras aumentou lendo infâncias de muitos tempos. Viajou em galáxias, guiada por um mochileiro. Parece que mesmo fora desse mundo ainda se encontram governantes que nada mais fazem do que desviar a atenção do poder. Para ela, muitos absurdos que via nos noticiários começavam a ter novos sentidos.

Viveu sobressaltos na história de um talentoso que assumia o lugar de outro, em tempos passados. Procurou em histórias a história que vivia nos pesadelos. Espiou histórias proibidas, onde amores se chamam pelos seus nomes. Calafrios inauguravam partes do seu corpo que não sabia que existiam em beijos narrados com palavras de desejo. Algumas inquietações ganhavam palavras. O quê e quem podemos amar? Do que se constitui o desejo? Quem vai poder querer dizer como amar? A pandemia parece infinita quando a vontade de viver um amor surge. Mas isso que se chama amor, nem sempre é bom. Teve medo de ser empilhada como um objeto usado e jogado fora.

Nem só o amor dói. Tantas outras dores guardava sem perceber. Dores de gritos sufocados nos navios, nos subúrbios e em bandas como a sua. Acompanhou a saga de uma vida marcada pela cor entre continentes. Sentiu a dor e o assombro de uma filha morta pelo horror da escravidão. Seria assim, tão amada por sua mãe mesmo estando longe da árvore. Sentiu a fome nas ruas da cidade percorridas com uma catadora e a conquista da sonhada alvenaria.

Quem são os deuses que criam esses mundos? Algum já teria escrito seu pesadelo? Os dedos acariciavam os nomes gravados nas capas. Queria aprender a catar palavras, guiar em viagens malucas, fazer sentir a força de um desejo profundo de estar com alguém. Mas quem iria se interessar pela história de uma jovem presa na sua casa no meio de uma terrível crise. Bem, já leu e esteve presa com uma menina na Holanda. Lá, era a guerra. Aqui, a doença. Nos dois tempos e lugares, a morte e a escolha de quem deve viver entram pelas brechas do isolamento. Como conseguir viver vendo tantos mortos? As notícias contam vítimas, os números aumentam e a importância parece diminuir. A raiva sempre vem no fim do dia. Talvez isso traga o sono inquieto e sufocante. Não queria a contagem de mortes, prefere as contações das trajetórias de vida. Espera um dia entender essas coisas, mas espera nunca se conformar.

Também não queria contar da sua rotina, como fez a menina Anne. Não estava mais presa na sua casa. Sua prisão estava em outro lugar. Um mundo que habitava todas as noites em pesadelos reprisados incessantemente. Queria levar o leitor, ter companhia. Sentou na mesa da cozinha com um caderno. Lapidando frases que beirassem o abismo da morte sufocada que vê de perto noite após noite.

A cena é o mar num fim de tarde. Parte dela era a criança que brincava na areia, parte dela descobria a força do próprio corpo. Seria capaz de enfrentar as ondas? Depois do primeiro mergulho, a água gelada não assustava mais. Sente o sal beijar sua língua. Havia um convite na dança das espumas brancas. De repente, não tinha mais chão. Flutuava. Uma leveza nova daquele corpo sempre tão pesado. O instante da paz imediatamente anterior a uma tempestade. Numa sequência violentamente rápida, perde a noção de como respirar. A falta de ar torna um instante infinito. O corpo gira sem controle algum. Talvez tenha vivido muitos infinitos até que uma mão a resgata. A sua própria mão esculpindo palavras no caderno. Nas noites de prisão no pesadelo, a mão sempre faltava.

Nesses meses em casa, tentava evitar a volta ao mar entrando em mundos inventados ou narrados por outros. Hoje carregou seu caderno para o quarto. A cena está no papel ao lado da cama. Dorme acompanhada do resgate de si mesma. A cena não voltou naquela noite, nem na outra. Nem nas outras. Inauguraria novos mundos. Estava de volta a sua casa enfrentando a violência do mar de dentro, agora sem se afogar.

Observação: O conto “Mar de dentro” faz menção a outras obras literárias, a saber: Pequenos grandes nós (Taís Moreira), O guia do mochileiro das galáxias (Douglas Adams), O talentoso Ripley (Patrícia Highsmith), Me chame pelo seu nome (André Aciman), Mulheres empilhadas (Patrícia Melo), Um defeito de cor (Ana Maria Gonçalves), Amada (Toni Morrison), Longe da árvore (Andrew Solomon), Quarto de despejo (Carolina Maria de Jesus), Casa de Alvenaria (Carolina Maria de Jesus), Diário de Anne Frank (Anne Frank).